Anno de 1846. Sexta feira 26 de Junho. Anno XXII N. 139.

O *DIARIO* publica-se todos os dias que não forem de guarda: o preço da assignatura he de 4$000 rs. por quartel, *pagos adiantados*. Os annuncios dos assignantes são inseridos a razão de 20 réis por linha, 40 réis em typo differente, e as repetições pela metade. Os que não forem assignantes pagão 80 réis por linha, e 160 em typo differente.

PHASES DA LUA NO MEZ DE JUNHO.

Crescente a 2 as 3 horas e 9 minutos da manhãa.
Lua cheia a 9 a 1 hora e 15 minutos da tarde.
Mingoante a 16 as 4 horas e 17 min. da manhãa.
Lua nova a 23 as 3 horas e 27 min. da tarde.

PARTIDA DOS CORREIOS.

Goianna e Parahyba, Segundas e Sextas feiras.
Rio Grande do Norte, chega nas Quartas feiras ao meio dia, e parte nas mesmas horas nas Quintas feiras.
Cabo, Serinhaem, Rio Formoso, Porto Calvo e Maceyó, no 1º, 11 e 21 de cada mez.
Garanhuns e Bonito a 10 e 24.
Boa-Vista e Flores a 13 e 28.
Victoria nas Quintas feiras.
Olinda todos os dias.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira as 6 h. e 54 minutos da manhãa.
Segunda as 7 h. e 18 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.

22 Segunda S. Nicceas, aud. do J. dos orf. e do J. do C. da 2. v. do J. M. da 2 v.
23 Terça S. Agripina, aud do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 2. dist. de t.
24 Quarta ✠ Nascimento de S. João Baptista. Ind. nos Conv. do Carmo.
25 Quinta S. Prospero, aud. do J. de orphãos, e do 1 municipal da 1. vara.
26 Sexta S. Virgilio, aud do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 1. dist. de t.
27 Sabbado S. Ladislão aud. do J. do civel da 1.ª vara, e do J. de paz do 1.º dist. de t.
28 Domingo A Pureza de Nossa Senhora.

CAMBIOS NO DIA 25 DE JUNHO.

Cambio sobre Londres 26 1/2 d. p. 1$ a 60 d.
» » Paris 350 réis por franco.
» » Lisboa 105 % premio por mez.
Desc. de letras de boas firmas 1 1/4 p. % ao mez.

Ouro—Onças hespanholas .	31$500	a	32$000
» Moedas de 6$400 vel.	16$700	a	16$800
» » de 6$400 nov.	16$200	a	16$400
» » de 4$000...	9$000	a	9$200
Prata—Patacões.......	1$990	a	2$000
» Pesos columnares.	1$990	a	2$000
» Ditos Mexicanos.	1$960	a	1$980
» Miuda........	1$760	a	1$800

Acções da Comp. do Beberibe de 50$000 ao par.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

INTERIOR.

MARANHÃO.

ESTADO DO INTERIOR.

O estado das comarcas da Chapada e Pastos-Bons he summamente melindroso, e exige a mais séria attenção da parte do governo. Segundo o jornal *Caxiense* de 16 do corrente, corrião boatos de que houve um grande combate entre as forças de Campo-Largo e as do Militão, mesmo na villa da Chapada, mas não se sabia ao certo quem fôra o vencedor e o vencido.

Por cartas de Pastos-Bons, accrescenta o mesmo jornal, consta, que, não tendo desapparecido os grupos dos vingadores do fallecido Neiva, acha-se esta ultima villa em triste situação, e os cidadãos pacificos em grande sustos. Em um dos ultimos dias de abril, foi de noute atacada a casa do vigario por quatro facinorosos, commandados por um mulato daquelle fallecido, os quaes forão gravemente feridos por um tiro disparado de dentro, quando tentavão arrombar a porta do parocho.

Consta igualmente, que chegárão officios do Militão, em que este caudilho blasona de achar-se a frente de 400 homens.

Em data de 8 do corrente, suspendeo o governo provincial do exercicio do posto de tenente-coronel da guarda nacional, e do commando interino da legião da Chapada, ao referido Militão, e demittio o delegado supplente daquella villa Romualdo José de Brito, e o supplente do subdelegado Manoel Henriques de Siqueira, por se terem reunido aos sediciosos; mas estas medidas, que podião ser de grande importancia, quanto ao effeito moral, pouco ou nada aproveitarão, sendo desacompanhadas de fôrça.

As 50 praças, que daqui se encaminhárão á Caxias, com destino para a Capada, he fôrça mais que insufficiente para trazer á ordem a uma só daquellas extensissimas e remotissimas comarcas, quanto mais as duas; muito principalmente, quando se attende a que Caxias, que he a chave de toto aquelle sertão, e o ponto mais importante da provincia, depois da capital, está inteiramento desguarnecida, porque marchou para o Piauby o contingente do batalhão 3.º de fuzileiros, o qual a guarnecia, e desceo para aqui o côrpo fixo do Piauby, que o substituia. Já, quando nos chegárão as primeiras noticias da desordem da Chapada, nos occupámos com a insufficiencia destes meios, e agora, que essa desordem parece tomar vulto, não cessaremos de lembrar ao governo, que destaque fôrça, e fôrça respeitavel, para Caxias, porque isto de ir mandando gente á formiga he muito prejudicial, cómo provárão os desastres, que soffreo a legalidade no principio da revolta de Raymundo Gomes. Guarneça-se convenientemente aquella importantissima praça, que he o meio de ter em respeito todos os sertões circumvizinhos.

Se Caxias, que, pela sua posição, he o emporio do Maranhão e Piauby, e de cuja segurança depende o socego dessas duas provincias, tivesse guarnição sufficiente para rebater a invasão, que soffreo na passada guerra civil, certo que não fôra lastimosa preza dos rebeldes, nem lhes fornecêra, pela sua entrega, amplos meios de poderem continuar a lucta com vantagem. E a espantosa desordem, que se derramou então quasi geralmente, por uma e outra provincia, teria encontrado naquelle forte baluarte insuperaveis diques á sua furia assoladôra. Escarmentemos nos passados erros; e sirva-nos hoje de lição, para guardarmos ponto tão principal, os males, que já soffremos, por havermos desconhecido a sua importancia.

No jornal *Caxiense*, de 11 do corrente, vem transcripto um officio do ex commandante do destacamento de Pastos-Bons, Joaquim Luiz Teixeira Lopes Malheiros, no qual se acha descripto o grave estado de inquietação desta ultima comarca, com as suas causses. Ahi se succedem os assassinatos, ou tentativas de assassinatos; e as vinganças, e represalias teem armado não só os particulares, mas as proprias autoridades. Ahi vê-se um delegado de policia, que, segundo refere o tal ex commandante, se dispunha a atacar o quartel do destacamento, a frente de uma reunião de homens armados! Na Chapada, já vimos como dous agentes policiaes tomárão parte na desordem. Que bella policia, que, temos, Sr. Cerqueira Pinto!

Tal he a situação das comarcas da Chapada e Pastos-Bons, que este estado de cousas póde ir empeiorando de dia em dia, se o governo não cuidar em atalhar o mal, que já vai tão grave, dando promptas e energicas providencias, as quaes cifrão-se, em nosso entender, na remessa de fôrça e mais fôrça. Caxias, sobre tudo, he ponto, que, por caso nenhum, se deve deixar desguarnecido, como está, na proximidade de taes focos de desordem. Convêm, que o mesmo governo geral, se convença, de que a segurança desse rico mercado não só importa muito ao socego do Maranhão, mas ainda mais ao socego do Piauby que a da propria cidade de Oeiras.

— Corre, que tambem a Chapadinha se acha em desordem, e que marchão para lá fôrças. Mas serão esses commandantes militares subjeitos a agentes policiaes, que se portão como os de Pastos-Bons e Chapada, ou, pelo menos, ignorantes? Receiamos muito, que assim succeda; e nesse caso, pouco ou nada se fará, porque com taes mordomos não se póde ser juiz.

(*A Revista.*)

PERNAMBUCO.

Camara municipal.

SESSÃO EXTRAORDINARIA, DE 20 DE JUNHO DE 1846.

PRESIDENCIA DO SENHOR REGO ALBUQUERQUE.

Presentes os Srs. Mello Cavalcanti, Ramos, Cintra, Carneiro-Monteiro, Barros, e Alves Ferreira, faltando com causa os mais Srs., abrio-se a sessão, e foi lida e approvada a acta da antecedente.

Continuárão os trabalhos da apuração geral dos votos para dous senadores por esta provincia; e a uma hora da tarde, pouco mais ou menos, recebeo a camara um officio do presidente da provincia, ordenando-lhe, lhe fosse remettido o resultado da mesma apuração, logo que estivesse concluido, para ser transmittido ao governo imperial, e ficou inteirada, proseguindo nos mesmos trabalhos, até que, sendo quasi 5 horas, o Sr. presidente os deo por findos, marcando a continuação delles para o dia segainte, e levantou a sessão. — Eu, *João José Ferreira de Aguiar*, secretario, a subcrevi. — *Rego Albuquerque*, presidente. — *Mello Cavalcanti*. — *Cintra Manoel*. — *Ramos*. — *Carneiro Monteiro*.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Forão-nos, em fim, entregues hoje os jornaes do Norte, de cuja falta de recepção hontem nos queixámos: e por isso vamos transmittir aos nossos leitores as noticias, que elles contêem; as quaes, supposto vão um pouco tarde, ainda vão todavia a tempo, pois que, antes de nós, ninguem as deo.

No Maranhão a tranquillidade publica corria muito risco.

Na Chapada, como minuciosamente consta de um artigo da *Revista*, que em outro lugar fica transcripto, ainda não tinha terminado a desordem promovida por Militão, que cada vez reforçava mais a horda de facciosos, de que se soube fazer sercar, e que, com o desfaçamento proprio do mais ousado bandido, teve o arrojo de officiar ao governo, declarando-se em campo, e em frente de 400 ardentes.

Na Chapadinha e em Pastos-Bons tambem alguns movimentos sediciosos se manifestavão.

Visto como, á crermos o mencionado periodico, são fracas e impotentes as medidas, que tem a presidencia alli adoptado para suffocar esses motins, sómente o dedo invisivel do Omnipotente lhes poderá pôr termo; pelo que fazemos os mais sinceros votos.

O Ceará continúa victima da peste, da fome, dos mais escandalosos assassinatos, e dos actos de barbaria os mais revoltantes.

Em Gado-Brabo, termo do S.-Bernardo, o major Angelo da Silva Lima foi esfaqueado, no meio de seus tenros e innocentes filhos, que já não tinhão mãi, e de quem era elle o unico arrimo, por uma quadrilha de 12 facinorosos, que, depois de lhe haverem arrancado a vida, á muitos e repetidos golpes, cortárão-lhe uma orelha, e comsigo a levárão!

Em Queixeramobim, além de tres homicidios perpetrados, dentro de mui pouco tempo, e com a maior atrocidade, foi surrada uma moça, cuja honestidade afiança um correspondente do *Pedro II*, por um dos Robertos ou Britos da Barra, a quem as autoridades do lugar não tomárão contas desse acto de barbaridade, habilitando-o assim a arrojar-se a praticar outros do mesmo, e até maior quilate.

———

Pela *Nova-Aurora*, entrada ante-hontem da Bahia, recebemos gazetas até 15 do corrente, nas quaes o que de mais interesse achámos foi o resultado da votação dos eleitores do Ouricury, comarca da Boa-Vista, para os dous senadores por esta provincia, de cuja eleição se acaba de tratar, e de que se occupa o *Commercio* no seguinte artigo:

ELEIÇÃO DE SENADORES POR PERNAMBUCO.

Collegio da Boa-Vista.

Tivemos por Joazeiro noticia da eleição de senadores no collegio da Boa-Vista da provincia de Pernambuco. A 19 de maio findo, reunião-se 86 eleitores do Ouricury, 19 da Boa-Vista, 4 de Cobrobó, e 1 da freguezia de S.-José-do-Recife, e obtiverão unanimidade de votos

Os Exms.	Votos.
Barão da Boa-Vista	110
Sebastião do Rego Barros	110
Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque	110
Barão de Itamaracá	110
Vigario Francisco Ferreira Barreto	110
Visconde de Goianna	110

O collegio foi presidido pelo coronel Ribeiro Granja, o mais antigo e respeitavel dos servidores do estado d'aquella comarca. Os eleitores forão forçados á abandonar a villa, e a irem votar na capella dos Remedios da mesma freguezia, por saberem, que a villa estava em armas com toda a força, de que o juiz de direito Arruda, e o delegado de policia podião dispôr. O delegado da Boa-Vista com o da comarca de Flores já tinhão, nas vesperas das eleições, percorrido a comarca, dando varejos nas casas dos mais influentes eleitores do partido, que tem por chefe o barão, como na do juiz de paiz e tenente-coronel de Ouricury, Pacifico Lopes de Siqueira, na do visitador ecclesiastico, Pedro Francisco Antonio da Cunha Pereira, e na do juiz municipal e de orphãos do termo, procurando com todo o esforço, para prenderem, o eleitor de S.-José do Recife (eleitor nomeado pelo partido praieiro, que não quiz votar na chapa do presidente Chichorro) bacharel Thomé Madeira.

Até consta, que o tenente-coronel José Severo Granja fôra com tropa, afim de varejar a casa de seu pai, o coronel Granja, e prender o eleitor Thomé Madeira, por dizerem que lá estava hospedado; porém, que desistira disto, tendo certeza de não se achar esse eleitor em casa de seu pai: consta, que se tomarão em separado, os votos de 88 eleitores do Ouricury, que tinhão diploma da segunda eleição alli feita por ordem da camara dos deputados, e que estes 88 votos recahirão nos mesmos candidatos, que tiverão os 110. O dia da apuração final tinha-se occultado na Boa-Vista aos eleitores, que não erão praieiros. Elles forão ameaçados com multa de cem mil réis, e quarenta dias de prisão, se não votassem na villa, onde estava a força do governo.

COMMERCIO.

Alfandega.

RENDIMENTO DO DIA 25.............. 4:240$241

FOLHETIM.

A LEÔA. (*)

POR **Frederico Soulié**.

PRIMEIRO VOLUME.

X.

PROVAS DOLOROSAS.

Cumpre-nos agora dizer o que se havia passado na familia Thoré, durante esses dous dias. Sabem os nossos leitores, que Victor se apresentára em sua casa no mesmo dia, em que recebêra de Julia o myosotis e amor-perfeito; que não encontrára ninguem, e se retirára, deixando o seu bilhete de visita.

Quando madama Thoré se recolheo, entregárão-o; e por certo o teria ella occultado, se o marido se não achasse presente. Mas Thoré era um desses homens, com quem não he dado tentar espertezas, porque fazem immediatamente uma grosseria.

Se madama Thoré não lhe houvesse passado o bilhete de Amab, teria elle logo perguntado em alta voz o que era isso, e, se a mulher lhe houvesse respondido, que ao depois lhe diria, quereria elle sabe-lo no mesmo instante.

— Que cochichos são esses ahi? teria elle gritado á porta-cocheira: e continuaria ao subir a escada: — Aborreço segredos. Todo o mundo póde saber quem nos vem procurar; eu sou como aquelle, que queria habitar uma casa de vidro, e a minha, graças a Deos, não deixa de o ser..... &c., &c.

Madama Thoré, que não queria fazer de uma simples visita um caso grave, entregou o bilhete ao marido, que exclamou:

— He de Amab! Ah! elle veio cá; eu esperava por isso....... Devia faze-lo........ Sabes tu, que esse rapaz nos está em grandes obrigações? *Eu*, minha filha e tu alcançar-lhe-hemos uma nomeada........ Estimarei bem vê-lo........ tenho uma observação a fazer-lhe acerca do retrato de Julia, porque he Julia desfarçada em Santa Virgem........ Sim, notei certa cousa: o quadro he menos rico do que os nossos........ E de mais........ porem eu lhe direi tudo isso.

Emquanto o pai despejava esta enfiada de asneiras, dizia Julia:

— Mr. Amab veio cá? .... Ah! elle devia faze-lo.

— Então porque? disse-lhe a mãi.

— Ah! por nada, disse Julia, que radiava de prazer. Victor havia, pois, comprehendido a remessa do amor-perfeito e do myosotis; pois que tinha apparecido nesse dia, quando havia mais de quinze que não vinha.

E ella estava orgulhosa, sentia-se feliz, julgava-se amada. De sorte que a ausencia não havia influido nessa exaltação, que assustava a madama Thoré, que pensou ter tempo de tomar uma deliberação, e suscitar uma explicação.

No outro dia, apresentou-se mais cêdo no armazem, e foi direito ao escriptorio de Luiz Villon.

— Senhor Luiz, disse-lhe ella, dê-me oitocentos mil réis.

Luiz fitou-a admirado; a contabilidade de Thoré tinha invariaveis costumes. No principio de cada mez, o caixa entregava a madama Thoré a pensão mensal, que devia ser sufficiente a todas as despezas da casa. Nunca, desde longos annos, Villon tinha visto madama Thoré fazer-lhe o mais pequeno pedido de dinheiro.

— A senhora diz? .... perguntou Luiz com uma especie de terror.

— Pedi-lhe oitocentos mil réis.

— E para que?......... Perdôe! replicou o caixeiro, ao abrir o cofre, com tremor convulsivo, em que conta devo lançar esta quantia?

— Na minha.......

— Ah! bem....... muito bem....... na sua conta......., bem, disse ainda elle, ao pegar de um grande caderno, muito bem, e passaremos este artigo....... ao diario....... por....... despezas pessoaes.

E, ao dizer isto, apresentou, com mão tremula, á madama Thoré o dinheiro pedido.

Esta observou o caixeiro, e não soube o que pensar do seu terror.

— Mas que tem então Vm? lhe disse ella.

— Eu, senhora? não tenho nada....... Vm. pede-me oitocentos mil réis, he meu dever dar-lh'os.

— Sem duvida; mas Vm. parece admirado do meu pedido!

— De modo algum......... oh! meu Deos! bem me lembro, que está chegado o tempo, em que estes pedidos se hão de repetir......... um após outro........ até o dia, em que saldarmos a conta do nosso banqueiro, Gobert, dos cento e vinte a cento e cincoenta contos........ Oh! he um bello dote!......

Comprehendeo, em fim, madama Thoré o terror de Luiz, que não havia achado outra justificação a um pedido repentino de oitocentos mil reis, senão as despezas causadas por um proximo casamento....... Era um começo de enxoval.

— Não, respondeo-lhe amigavelmente madama Thoré, não se trata de casar Julia....... Se lhe peço estes oitocentos mil reis, he porque ha uma divida, que Thoré sem rasão tem esquecido, e que se deve pagar immediatamente; eu vou enviar este dinheiro a Mr Amab.

— A' Mr. Amab, disse vivamente o caixeiro, estendendo a mão, como para tornar a tomar o dinheiro....... e para que?

— He o preço do retrato de meu marido e do meu.......

— E sem duvida tambem o da Santa Virgem, que elle fez, porque Vm. não lhe ha de deixar na mão o retrato de madamoisella Julia, creio eu.

— Não sei de que quer fallar, disse friamente madama Thoré....... Vm. prevenirá a Mr. Thoré da disposição, que fez, desta quantia.

— Sim, sim........ lança-la-hei no diario; comtudo, accrescentou elle, pondo os olhos no dinheiro........, oitocentos mil reis por duas ou tres semanas de trabalho, he muito......... Foi o preço, por que se ajustou? Porque, a não ser assim, seria exorbitante. Mas, deste modo, esse meu senhor ganharia vinte e tantos contos de reis por anno.

Ha advogados, que enriquecêrão no officio de palrar, que achão, como Villon, que um artista, que goza de nomeada, está sufficientemente retribuido na vida com uns dous mil cruzados por anno; e esses advogados são deputados, passão por homens intelligentes, e fazem leis depois de as haverem desfructado: cousa triste he essa para a nossa terra.

Madama Thoré estava mais adiantada do que esses senhores, porque respondeo a Villon:

— He um preço modico, mas eu o julgo sufficiente; foi o que elle pedio á uma senhora, que recusou pagar-lh'o.

— Está bem....... muito bem, disse Villon; mas eu entendo, que isto torna esses meus senhores bem incivis.

— Mr. Amab me pareceo muito polido.......

— Elle, minha senhora! exclamou Villon: elle! mas elle suppoz....... Oh! Vm. não sabe....... Elle teve a insolencia de pensar.......

— Então o que?.......

— Na verdade, isso não he da minha conta.

— Explique-se, disse-lhe madama Thoré; tem Vm. rasão de queixa de Mr. Amab?

— Nunca lhe dirigi uma palavra.

— Que lhe fez elle então?

— O que me fez? Perdôe, minha senhora, queira perdoar; mas eu havia supposto..... tinha pensado..... por certo he uma pretenção louca.....; mas até o dia, em que esse moço aqui entrou ....., eu era como da familia..... Vm. tão boa se mostrava para commigo..... e eu dizia cá com os meus botões, que talvez um dia..... , em fim não tinha rasão.

Escutava paciente madama Thoré estas phrases, entrecortadas de grandes suspiros, de olhos pregados no céo, de papeis postos uns por cima dos outros, de livros desfolhados. Em fim, o caixeiro tornou ao seu lugar, depois de fechar com violencia o cofre, e continuou a sua escripturação, exclamando em tom desesperado:

— Cento e quatro molheiras de ramagem.

E escreveo o artigo.

Madama Thoré não pode deixar de rir. De repente, ouvio o marido, que declamava no pateo uma admoestação a um cobrador, e disse rapida ao caixeiro:

— Senhor Villon, eu o autoriso a pedir formalmente a meu marido a mão de Julia.

Luiz voltou-se, como o faria um devedor a quem o meirinho trouxesse dinheiro.

— Como disse, minha senhora?....... He preciso que.....

— He preciso, que Vm. falle a meu marido, antes que anoiteça.

Madama Thoré havia entrado para o seu escriptorio particular, deixando Villon aturdido, ebrio, louco. Um momento depois, appareceo Julia, e foi sentar-se junto a sua mãi. Esta escreveo uma carta de algumas linhas, fechou-a, e incluio ostensivamente os dous bilhetes de banco, que acabava de receber de Villon; por

(*) Vide *Diario* n.º 137.

Descarregão hoje 26.
Sumaca— *Nova-Aurora* — fumo e charutos.
Brigue— *Conceição de Maria* —pedra.
Barca— *Thomas Mellors* —mercadorias.

Consulado.

RENDIMENTO DO DIA 25.

Geral..	364$341
Provincial....................................	262$457
	626$798

Movimento do Porto.

Navio entrado no dia 25.

Assú ; 27 dias, brigue brasileiro *S.-Manoel-Augusto*, de 236 toneladas, capitão Manoel Simões, equipagem 18, carga sal ; ao proprietario Bernardo Antonio de Miranda. Passageiros, Manoel José de Moura, Portuguez ; Manoel José Fernandes Junior, Brasileiro, e 3 escravos a entregar.

Navios sahidos no mesmo dia.

Rio-Grande-do-Norte ; hiate brasileiro *Fere Fogo*, capitão Raymundo Cardozo da Silva, carga farinha, por conta do governo.

Rio-de-Janeiro por Maceió e Bahia ; vapor brasileiro *Imperador*, commandante José Maria Falcão. Passageiros : para a Bahia, Pedro Nolasco Baptista, levando em sua companhia Antonia Maria da Conceição, frei João Baptista de Santa Helena, Brasileiros; Nicoláo Ramiano, Antonio Rodrigo, Hespanhoes ; Manoel José Pereira Gomes, Portuguez : para o Rio de-Janeiro, Belarmino Furtado de Mendonca, José Teixeira Bastos, Antonio José Pedro, Brasileiros; João Henrique Kasgen, Portuguez, e os que vierão do Norte para o Sul.

Declarações.

O Illm. Sr. inspector interino do arsenal de marinha manda fazer publico, que contratará, com quem por menos fizer, o fornecimento de pão, bolacha , azeite doce, carne verde, toucinho, ago'ardente, café moido, bacalhão, vinagre, arroz, e milho moido, para as embarcações da armada.

As pessoas, a quem convenha fazer o fornecimento de cada um desses objectos, de primeira qualidade, pelo tempo, que se julgar conveniente, e fôr convencionado no acto do contrato, são convidadas pelo Illm. Sr. inspector, a comparecerem nesta secretaria, com as suas propostas em cartas fechadas, no dia 30 do corrente mez, pelas 11 horas da manhãa, declarando nellas os nomes dos seus fiadores.

Secretaria da inspecção do arsenal de marinha de Pernambuco, 25 de junho de 1846.

O secretario,
Alexandre Rodrigues dos Anjos.

—O Illm. Sr. coronel director do arsenal de guerra de novo convida a todos os officiaes espingardeiros, que quizerem trabalhar no mesmo arsenal , pagando-se-lhes vantajosos jornaes , a comparecerem no dito arsenal. — Arsenal de guerra , 22 de junho de 1846 — No impedimento do escripturario , o amanuense, *João Ricardo da Silva.*

———

Officios existentes na administração do correio, de particulares interesses dos Srs. abaixo.

De Manoel Ambrosio da Conceição Padilha , ao Exm. ministro da marinha.

De José Ignacio da Costa Monteiro, ao Exm. ministro da fazenda.

De José Maria Fernandes e Silva, ao dito dito.

De José Pires Vianna, ao dito dito.

De José da Silva Braga, ao dito dito.

De Antonio Josquim de Freitas (segundo sargento) ao Exm. ministro da guerra.

De Jacintho José de Mendonça e Silva (soldado), ao dito dito.

De João de Vargas (anspeçada), ao dito dito.

De José Gregorio (soldado) , ao dito dito.

De Mathias Carneiro Lião (cabo), ao dito dito.

De Bento da Costa Soares, ao Exm. ministro da justiça.

De Daniel Rodrigues de Sant'Anna, ao dito dito.

De Elias Gomes Ferreira, e Francisco Antonio de Lima, ao dito dito.

De Francisco Lopes Castello-Branco , Florencio de Souza, e Pio Rodrigues, ao dito dito.

De José Vieira da Silva, ao dito dito.

De Manoel Dionizio, ao dito dito.

De Pedro Alves das Chagas, ao dito dito.

De Pio Rodrigues dos Santos, ao dito dito.

— A administração geral dos estabelecimentos de caridade manda fazer publico, que, não tendo havido licitantes ao fornecimento da carne verde , no dia 22 do corrente , como havia sido previamente annunciado , de novo convida aos interessados a apresentarem as suas propostas , no dia 27 do corrente , no lugar e horas já designados.

Administração geral dos estabelecimentos de caridade , 23 de junho de 1846. —O escripturario,
Francisco Antonio Cavalcanti Cousseiro.

—O escrivão e administrador da mesa de rendas internas provinciaes faz constar a todos os Srs. proprietarios de predios urbanos dos tres bairros desta cidade e povoação dos Afogados , que , não póde presentemente mandar receber em suas casas o importe de seus debitos, como antecedentemente se praticava; pois que esta repartição tem um agente privativo para a cobrança, o qual tem de perceber a multa de tres por cento sobre o valor de seus debitos, se por ventura deixarem de vir pagar na mesa, dentro dos 30 dias marcados na lei, a importancia da decima de suas propriedades do segundo semestre do corrente anno financeiro de 1845 a 1846; e por isso os convida a virem com presteza solver seus debitos, visto estar a concluir-se o citado prazo. Recife, 20 de junho de 1846.
José Guedes Salgueiro.

— O abaixo assignado, chanceller encarregado do consulado de Portugal nesta provincia, faz publico, por ordem do seu governo, para conhecimento do commercio e navegação, o seguinte :

Extracto do decreto de 26 de novembro de 1845.

« Artigo 108. Todo o capitão ou mestre de navio, que entrar em algum ponto deste reino, ou das ilhas adjacentes, he obrigado :

§ 1. A içar, em ponto apparente do seu navio, uma bandeira amarella, quando assim lhe fôr ordenado, e a conserva-la içada, até que seja admittido á livre pratica;

§ 2. A impedir toda a communicação com o seu navio, e deste com a terra, em quanto não fôr admittido á livre pratica;

§ 3. A conformar-se com os regulamentos sanitarios, e a subjeitar-se ás ordens, que lhe forem dadas pelas autoridades sanitarias do porto ;

§ 4 A fundear no lugar, que lhe fôr determinado para quarentena ; e a atravessar o seu navio, ou mesmo a fundear para visita, quando o tempo o exigir, e assim lhe fôr ordenado nos termos dos regulamentos ;

§ 5. A comparecer, logo que assim lhe fôr exigido pelo guarda-mór da saúde do porto, na casa da estação da saúde, servindo-se, para o seu transporte, do seu proprio escaler, lancha, catraia ou barco, e arvorando nelle, em ponto apparente, uma flamula, ou galhardete amarello, que faça conhecer o seu estado de suspeição, e impedir toda a communicação ;

§ 6 A apresentar as autoridades sanitarias todos os papeis de bordo; a responder aos interrogatorios, que lhe forem feitos, prestando previamente juramento de dizer a verdade, e de referir todos os factos, que tiverem chegado ao seu conhecimento, e de dar todos os esclarecimentos, que estiverem ao seu alcance, e que possão interessar a saúde publica.

Art. 138. Todo o navio, qualquer que seja a sua nacionalidade, procedencia e destino, que aportar a algum dos portos deste reino, e seus dominios, he obrigado a apresentar carta de saúde, da qual conste não só o estado sanitario dos lugares, donde procede, mas o da sua tripolação, e o numero dos passageiros no momento da partida, salvos os casos de fôrça maior, nos termos deste decreto.

Art 139. As cartas de saúde são facultativas para os navios, que sahirem dos portos de Portugal e ilhas adjacentes, e serão, nesses portos, expedidas pelo facultativo, que para isso tiver delegação do concelho de saúde no porto, donde o navio sahir. Nos portos estrangeiros poderão ser expedidas aos navios, que se destinarem aos portos de Portugal e seus dominios, pelos agentes consulares portuguezes.

As cartas de saúde, que forem expedidas nos portos estrangeiros pelas autoridades do paiz, serão visadas pelo agente consular portuguer, que nelles residir.

Art. 140 Os navios procedentes de portos estrangeiros, onde não houver agente consular portuguez, são obrigados a trazer carta de saúde, expedida pelas autoridades do paiz, e a faze-la *visar* pelos agentes consulares portuguezes nos portos, com os quaes communicarem, se ahi os houver.

Art. 141. O navio, que se demorar mais de oito dias, depois de expedida ou *visada* a sua carta de saúde, ou seja no porto da partida, ou no da escala, ou arribada, onde communicar, he obrigado a reformar a carta, ou o *visto*.

Art. 142 As cartas de saúde com rasuras, entrelinhas, ou quaesquer outras alterações semelhantes, são reputadas cartas suspeitas, e subjeitão o navio á quarentena correspondente, e o capitão a processo.

Art. 143. He prohibido a todo o capitão, mestre, ou commandante de navio :

§ 1. Largar de si a carta de saúde, que tiver recebido no porto da partida, emquanto não tiver chegado ao do seu destino ;

§ 2. Receber e ter a bordo outra carta de saúde além daquella, que lhe foi expedida no porto da partida ;

§ 3. Receber a bordo marinheiro, que pareça doente de molestia contagiosa ou epidemica, das que são subjeitas a quarentena ;

§ 4. Receber a bordo roupas, vestidos, ou fazendas, sem ter verificado a sua procedencia, e reconhecido, que não servirão a pessoas atacadas de molestia contagiosa, nem procedem de lugar infectado.

Art. 144. Todo o capitão, mestre, ou commandante de navio he obrigado a tomar nota, no jornal de bordo, de todas as molestias e mortes, que se manifestarem ou occorrerem durante a viagem, assim como dos symptomas, que observar nos doentes.

§ unico. No caso de haver facultativo a bordo, a elle toca mais particularmente esta obrigação, pelo que respeita ás molestias.

Art. 145. Os capitães, ou commandantes de todas as embarcações, são obrigados a fazer menção, no jornal de bordo, da execução das providencias estabelecidas neste decreto para assegurar a sua saúde, —das communicações, que tiverem no mar,—o de todas e quaesquer occurrencias, que possão interessar directa ou indirectamente a saúde publica.

Art. 202. Todo o individuo, que communicar de um navio para a terra antes da visita de saúde, ainda que elle venha a ser logo admittido á livre pratica, será punido com a multa de 50$ a 200$ rs., sem prejuizo das penas mais graves, em que possa incorrer como infractor da quarentena ; e se a communicação fôr da terra para o navio, pagará sómente metade da multa, ficará subjeito a sorte do navio.

§ 1. Estas penas são applicaveis aos individuos, que receberem, com conhecimento de facto, quaesquer pessoas, ou cousas, procedentes de navio, que não tenha sido visitado.

§ 2. Exceptuão-se das penas destes artigos os pilotos, e os guardas da alfandega, que, nos termos das respectivas instrucções, entrarem para bordo por motivos de serviço, e que ficão subjeitos a seguir a sorte do navio, até que elle seja admittido a livre pratica.

§ 3. Se o navio vier a soffrer quarentena, o transgressor soffrerá no Lazareto igual quarentena, e no fim della será remettido, debaixo de prisão, ao juiz competente, para lhe ser imposta a pena, em que tiver incorrido.

§ 4. O periodo, que medeia entre a chegada do navio á barra e a sua admissão á livre pratica, he equiparado á quarentena, para lhe serem applicaveis as disposições dos artigos antecedentes.

Art. 205. Os capitães, mestres, ou commandantes de navio, que apresentarem carta de saúde com rasuras, entrelinhas, ou quaesquer outras alterações semelhantes, que possão induzir suspeita de falsificação, serão processados como presumidos autores della, e punidos com as penas, que lhes couberem como falsificadores de documentos publicos.

Art. 206. Os individuos, que, por omissão ou negligencia, expozerem a saúde publica, ou infringindo, ou deixando infringir as disposições legislativas, ou regulamentares, e as providencias, que a poderião preservar, serão punidos com a multa de 20$ rs.

§ 1. Nos termos deste artigo são comprehendidos os mestres, ou commandantes de navios mercantes, que não trouxerem carta de saúde, ou a trouxerem irregular, ainda que o navio não venha a soffrer quarentena; mas a multa será sómente de 10$ rs , se o navio fôr admittido á livre pratica ; de 15$ rs. , se lhe fôr imposta quarentena de observação; e de 20$ rs., se a quarentena fôr de rigor.

§ 2. Quando o mestre, ou commandante do navio podér justificar, com prova satisfactoria, perante a estação de saúde respectiva, que a irregularidade da carta procedeo de accidente, ou occurrencia imprevista, não soffrerá pena algoma. »

Consulado de Portugal em Pernambuco, aos 19 de maio de 1846. — *Miguel José Alves*, chanceller encarregado do consulado.

THEATRO PUBLICO.

HOJE SEXTA FEIRA 26.

Em beneficio de Manoel Innocencio Pereira Candozo subirá á scena a grande peça Achime e Rachima. Entremez, os tres carcundas ensaccados. Todos os Srs. que tiverão bilhetes para o dia 11 podem se apresentar com os mesmos bilhetes, que são validos.

Manoel Candozo.

Avisos maritimos.

═ Para o Assú, com escala pelos Touros, está a sahir o brigue *Sociedade*: quem quizer carregar, ou ir de passagem, dirija-se a rua do Vigario, armazem n. 5, ou ao capitão, a bordo.

— Para o Rio-de-Janeiro segue, impreterivelmente por estes 6 dias, a barca *Firmeza* ; para alguma carga, passageiros e escravos a frete , dirijão-se a Gaudino Agostinho de Barros , na pracinha do Corpo Santo , n. 66.

═ Para a Bahia sahirá, impreterivelmente sabbado, 27 do corrente, o hiate *Santo-Antonio Flor-do-Rio*; recebe carga e passageiros : trata-se com José de Oliveira Campos, rua do Queimado, n. 4.

— Para o Rio-Grande-do-Sul sahirá breve o brigue-escuna *Nero* ; recebe carga a frete , escravos e passageiros : quem no mesmo quizer carregar , póde entender-se com Amorim Irmãos , rua da Cadeia, n. 45.

═ Para Liorne a polaca sarda *Hercules* , pregada e forrada de cobre , pretende sahir nos primeiros dias de julho ; falta-lhe só um terço da carga : a tratar na rua do Trapiche , n. 10, terceiro andar. Póde tambem levar alguns passageiros.

═ Para a Bahia sai o hiate *Flor-do-Recife*, pregado e forrado de cobre : quem nelle quizer carregar ou ir de passagem, dirija-se a rua do Vigario, armazem , n. 5.

═ Para o Rio Grande-do-Sul seguirá no decurso da presente semana , não havendo inconvenientes , o brigue *Mentor* , o qual póde receber alguma carga , e tem bons commodos para escravos : quem pretender , póde fallar com Amorim Irmãos , na rua da Cadeia , n. 45.

— Para o Rio-Grande-do-Sul sai com brevidade

---

o sobrescripto, e lançou negligente a carta sobre a mesa de Julia, dizendo-lhe :

— Manda essa carta a seu destino pelo cobrador.

Julia pegou na carta, e, apenas poz os olhos no sobrescripto, soltou um grito abafado.

Não deo mostras madama Thoré de ouvi-lo, mas pedio a Villon, que fosse terminar, em outro armazem, uma verificação, que pedia muito tempo ; queria dar a Julia a liberdade de fallar. Villon sahio, madama Thoré esperou, Julia não disse palavra.

Olhava-a de furto madama Thoré. Julia não tirava os olhos da carta, que era a mesma em que se havião incluido dous bilhetes de banco, a mesma, que lhe havião dito, mandasse levar pelo cobrador, como se fazia com uma factura, ou encommenda....., e essa carta era dirigida a Amab.

Era isso uma cousa, que Julia não comprehendia, mas que a assustava, e humilhava tambem. Então olhou ella para a mãi, como para bem se certificar, que era ella quem havia commettido essa enormidade; com effeito, Julia teria julgado seu pai capaz de semelhante brutalidade, mas, por sua mãi, parecia lhe incrivel.

— Ora, bem! em que pensas tu? disse-lhe madama Thoré.

Julia ficou por momentos indecisa, mas conteve a pergunta, que lhe veio aos labios, e respondeo com amarga expressão.

— Eu não penso..... procuro o meu dedal.....

— Tu o tens no dedo.

— He verdade...... como estava eu!...... tenho aqui tudo.

E continuou a bordar, com os dentes apertados, para abafar os soluços, a cabeça baixa, para occultar as lagrimas ao olhar da mãi.

Esteve madama Thoré prestes a chama-la á seus braços, para consola-la. Tinha mortificado Julia, sem conseguir faze-la fallar. Todavia quiz avaliar esse amor pelo valor, com que Julia occultaria a sua dôr, e calou-se. Logo depois, conheceo ella quanto era poderoso, quando, ao apparecer o cobrador, lhe disse Julia com voz clara e vibrante :

— Leve isto ao seu destino.

Esta obediencia occultava uma revolta. Todavia, madama Thoré conservou-se impassivel, porque havia excitado Villon a um proceder, que devia, em fim, levar á explosão o desespero de Julia.

Perfeito silencio reinava entre ellas ; nem uma nem outra se achava com animo de rompe-lo, quando entrou Thoré de repente. Vinha elle com rosto grave e aspecto d'importancia, olhos irritados, e andár impetuoso. Percorria o vasto armazem em todo o comprimento, e de cada vez que passava por diante do escriptorio, em que trabalhavão a mulher e a filha, soltava um enorme suspiro, ou uma surda exclamação.

Era claro, que esperava, que uma questão qualquer acerca dessa furiosa agitação lhe désse uma sahida a colera, que o animava. Mas a filha estava muito occupada de si mesma, para dar por esses grosseiros manejos, e madama Thoré não queria acudir ao marido. Thoré, embaido de não produzir o menor effeito, passou a meios mais energicos, e poz-se a fallar só.

— He cousa incrivel! monstruosa! indecente!

E como madama Thoré não levantava a cabeça, tomou elle um prato, atirou-o, furioso, ao chão, e exclamou :

— Não consentirei, que isto se passe assim!

— Oh! meu bom Deos! o que he isto? perguntou madama Thoré, que não podia por mais tempo fazer-se cega e surda.

— O que ha, minha senhora? .... O que ha........ Vm. o sabe, supponho eu...... . Um caixeiro, que tem a liberdade, de improviso........, sem que me tenha feito sondar, para ter alguma ideia das minhas intenções........, que tem o desococo de.. ....

— De que teve elle então o desococo?

— Ignora-o Vm?...... Mentir-me-hia com a ultima impudencia, quando, ao vêr a minha indignação, ousou dizer-me, que Vm. o havia autorisado....., que digo eu, autorisado? ..., que Vm. lhe havia ordenado que...... Mentio elle?

— Não, meu amigo, disse brandamente madama Thoré ; he verdade.... : e eu suppunha ter feito bem...., julgava ter obrado no sentido dos seus projectos.

— Nem todos os projectos, que a gente forma, se executão....., e demais...., quando se executassem....., ha uma maneira.... conveniente.... sim, conveniente, he o termo...., de..... de haver-se nisso. Mas tem algum proposito vir um homem, a quem a gente pede uma conta corrente, dizer ; « Queira perdoar, tenho que lhe fallar n'uma cousa, — Falle, meu charo, falle, — Pois então, meu senhor quizera pedir-lhe a mão da senhora sua filha. « Heim! isto tem proposito?

A' estas palavras, madama Thoré sorrio-se : Julia estremeceo e fitou o pai, emquanto este continuava a fallar assim :

— He tal, qual lhe digo.... Absolutamente, como se me dissesse : « Queira perdoar, meu senhor, olhe, que temos uma caixa a expedir. »

Julia tornou-se pallida e immovel ; Thoré continuou :

— E he Vm., minha senhora, quem autorisou o Sr. Villon a obrar commigo com esta incivil sem-ceremonia ?

— Se vossê soubesse...., disse madama Thoré.

— Sei, replicou o marido em tom solemne, que a amei, que a esposei, mas que não procedi assim ; não fui gritar ao Sr. seu pai : « Ah! senhor, ouça cá. ...... O' la!..... , eu quero casar com sua filha!....... » Porque quanto mais nisso penso, mais me revolto...... Fui tratado .....

— Mas, senhor....., disse madama Thoré.

— Senhora, replicou Thoré, com terrivel magestade, meu pai dirigio-se officialmente á casa do seu, e lhe fez officialmente o pedido de sua mão. Seu pai respondeu-lhe favoravelmente. Então, e sómente então, ousei eu explicar-me..... Sem fallar nos preliminares anteriores á este importante passo......, os avisos particulares....., eu havia sondado o terreno, sabia por onde ia.... Commigo, chegão-se á mim, e zas, pedem-me minha filha, como uma duzia de pratos. E he minha mulher quem autorisa semelhantes insultos.... Em que seculo vivemos nós! Que costumes, meu Deos! que costumes!

Esta tirada havia esgotado a força pulmonar de Thoré, que cahio sobre uma cadeira, esbaforido, a pretexto de suspirar.

— Comprehendo, disse com brandura a mulher, comprehendo o seu agastamento contra um proceder, que por certo não he dos mais melindrosos ; mas rogo-lhe, que reflicta, que, ha muito tempo, considera vossê conveniente essa união.

— Póde ser....

— Veja, que Villon está longe de sua familia.

— Escreve-se....

— Não esqueça, que o amor he inconsiderado.....

O olhar, que madama Thoré lançou á seu marido, continha um mar de reminiscencias. Segundo esse olhar, podia-se affirmar, que a tentativa official do pai, tão pomposamente citada, havia sido a consequencia de alguma tentativa particular. Thoré tive um assomo de soberba fatuidade, ergueo-se, chegou-se ao escriptorio e disse :

— Meu Deos! eu só quero a felicidade de meus filhos.....; mas tambem he preciso, que as cousas se fação em regra.

— Oh! meu Jesus! esquece-se a regra, quando a paixão arrastra,.., disse madama Thoré. Tu mesmo não acabas de esquecer, que a ultima pessoa, diante de quem podias dar semelhante espectaculo, era a nossa Julia, que não sabe como ter-se, tão perturbada está com a sua ventura?

Julia levantou-se, fitou madama Thoré, e deixou o armazem, dizendo com rapida voz.

— Vmc. he cruel, minha mãi.

Ficou madama Thoré aterrada com estas palavras, e Thoré perguntou-lhe :

— Que quer ella dizer?

— Logo lhe contarei isso, meu amigo ; agora he preciso, que eu falle á minha filha.

E seguio Julia ao aposento ; onde a achou no seu quarto, pallida de dôr e colera.

Que significão, lhe disse ella, as palavras, que pronunciaste, ao deixar-me?

Julia dominou a violenta emoção, que a agitava, e respondeo :

— Obrei mal em lhe fallar, como o fiz ; obrei mal em sahir do armazem, peço-lhe perdão.

— Mas, em que, como me tenho eu mostrado cruel a teu respeito?

— Obrei mal....., já o disse a Vm...., eu estava douda...., fiz mal.....

— Esse casamento te desgosta?

Julia hesitou em responder. Nesse momento, entrou o pai, que tinha ouvido a pergunta, e a repetio.

— Eu não tenho direito, disse Julia, de responder a meus pais, que um casamento, que elles achão conveniente, me desagrada ; mas declaro-lhes com todo o respeito, que a Vm. tenho, meu pai, a Vm., *senhora*....... Jámais..... não, jámais casarei com M. Villon.... Quizera.... oh! antes quizera morrer!

Tão firme e secca resposta attestava, entretanto, o imperio, que Julia guardava sobre si mesma. Tão terrivel era a agitação, tão horrivel a pallides, que as palavras erão compassadas, em relação ao abalo, que sentia. Thoré só vio nisso uma repulsa, que achou altamente audaciosa. Madama Thoré sentio ahi uma cruel censura. Vindo de seu pai a proposta de semelhante casamento, Julia se não admirava ; mas, partindo de sua mãi, parecia-lhe to-la ferido atraiçoadamente. Julia contava com sua mãi, para escapar aos projectos do pai, e era ella quem dava pressa á execução. Entretanto, Thoré, que acabava apenas a sua fervorosa tirada contra o atrevi-

o brigue *Umbelina*; recebe carga e escravos a frete: quem quizer carregar, dirija-se a João Francisco da Cruz, na rua da Senzalla-Velha, n. 134.

=Para o Rio-de-Janeiro pretende sahir breve o brigue-escuna *Leopoldina*, e para isso recebe carga a frete: quem no mesmo quizer carregar, póde tratar na praça com o capitão Antonio Pereira Martins dos Santos, ou na rua do Trapiche, casa de Gomes & Irmão.

Avisos diversos.

O LIDADOR.

O n. 117 cha-se a venda, na praça da Independencia, livraria ns. 6 e 8.

A CARRANCA.

O n. 82 acha-se a venda, na praça da Independencia, livraria ns. 6 e 8.

O POSTILHÃO.

O n. 8 fez a distribuição da mala, e acha-se a venda, na praça da Independencia, livraria ns. 6 e 8.

— Os credores de Antonio Joaquim da Silva Castro são convidados para se reunirem hoje, pelas 12 horas do dia, na sala da associação commercial.

= Os abaixo assignados fazem publico, que Ventura Pereira Penna deixou de administrar a sua loja de selleiro, sita na rua da Cadeia do Recife, n. 49, desde o dia 21 do corrente, e por isso se acha inabilitado de passar recibos, ou fazer outra qualquer transacção em nome dos abaixo assignados, e bem assim no que até agora gyrava, de João da Silva Braga.

Braga Silva & Companhia.

= Precisa-se alugar uma ama secca, branca ou de côr, que seja bem affavel e de bons costumes, para tratar sómente de meninos. Dirigir-se à rua do Rangel, n. 59, segundo andar.

ARMAZEM DE RECOLHER.

Na rua da Senzalla-Velha, n. 108, existe um excellente armazem novamente reparado, para depositar fazendas, e generos de estiva, com especialidade farinha de trigo; este lugar he optimo para obterem prompta extracção os generos depositados, por ser em rua muito transitada, e proxima da alfandega, e ter desembarque a toda a hora, nos fundos do mesmo armazem: a tratar ao lado, com Alves Vianna, no armazem da rua da Senzalla-Velha, n. 110.

— Precisa-se alugar um escravo, que seja fiel e diligente, para o serviço externo de uma casa; no Aterro-da Boa-Vista, n. 36.

- O Snr. Joaquim Izidro da Costa Gomes Vieira queira vir buscar ao escriptorio de Gaudino Agostinho de Barros uma carta de seu interesse, vinda de Lisboa.

= Precisa-se de um criado, que saiba tratar de carro e cavallos, no Aterro-da-Boa-Vista, n. 36.

= Precisa-se de uma mulher, que se proponha a fazer o serviço interno de uma casa de pequena familia; no Aterro-da-Boa-Vista, n. 36.

= Avisa-se ao proprietario de um sobradinho na rua de S. Bom Jesus das crioulas, que deita o fundo para a rua da Roda, não queira perder mais alugueis; pois quem lhe tomou as chaves não tem com que pague; cobre de quem está dentro, e despeje-o.

De um amigo da rasão.

— Alugão-se, por preço commodo, duas casas terreas, sitas na rua da Alegria da Boa-Vista, uma com 5 quartos, cozinha, sala independente e forrada; e a outra com dous quartos, duas salas, cozinha, e ambas caiadas e pintadas de novo; não se duvida abater alguma cousa nos alugueis, sendo para pessoa capaz, que as não estrague: a tratar na rua da S. Cruz, n. 38.

= A pessoa, que annunciou querer comprar o primeiro tomo da historia Sagrada por Bernardino Freire, dirija-se a rua do Rangel, n. 50.

— A pessoa, que tem uma carta para Joaquim Gonçalves da Silva, queira annunciar, para ser procurada.

= Precisa-se de uma ama para o serviço de uma casa de pouca familia: nas Cinco-Pontas, casa pintada de verde, n. 124.

= Precisa-se alugar uma preta para o serviço interno de uma casa; na travessa da Concordia, n. 19.

— Sabbado, as 4 horas da tarde, no Aterro-da-Boa-Vista, na praça do Sr. doutor juiz de direito da segunda vara do civel, se hão de arrematar varios escravos, penhorados a Antonio José Pereira de Mendoça, por ser a ultima praça.

— Precisa-se de um feitor para um sitio; nas Cinco-Pontas, n. 16.

= Precisa-se alugar uma ama de leite: no Becco-Largo da Matriz, n. 14, primeiro andar.

— Quem annunciou querer comprar a historia do Brasil por o general Abreu Lima, dirija-se ao largo do Collegio, n. 6.

— Arrendão-se 8 casas terreas, pequenas, uma padaria, por preços modicos, sitas na Passagem-da-Magdalena, junto a ponte grande: a tratar na rua da Gloria, sobrado n. 59.

= Precisa-se de um caixeiro para um deposito de generos da terra; na rua Direita, n. 18, segundo andar.

— Dá-se dinheiro a premio, mesmo em pequenas quantias, sobre penhores; na Camboa-do-Carmo, n. 33.

— Uma mulher de bons costumes se encarrega da criação de meninos de peito, impedidos e desimpedidos, e tambem recebe meninos para desmamar, no que promette esmerar-se: quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se a rua da Palma, n. 17. Na mesma casa vendem-se 3 varas de bico largo, com recortes e ramagens, e um berço em bom uso, tudo por preço commodo.

— Hoje he a ultima praça, para se arrematar a casa n. 31, com 37 palmos de frente, pela rua do Vigario, outro tanto pelo fundo, que deita para a do Burgos, e 117 de fundo, em chãos proprios, com 2 andares e sotão; o que se effeituará a porta do Snr. doutor juiz de direito interino, Ferreira Gomes, no pateo do Carmo.

Joaquim Lopes de Barros Cabral, pintor senographico e retratista, faz sciente ao publico, que tira retratos a creão por 12$000, ditos coloridos a 20$000, miniaturas de 30$000, 40$000, 50$000 e 60$000, e a oleo a 30$000, 40$000, 60$000, 80$000, 100$000, &c., conforme os tamanhos das telas: e continúa a leccionar o desenho e pintura a oleo, e encarrega-se de fazer os desenhos de quaesquer edificios ou propriedades debaixo de todas as regras de architectura e de melhor gosto; assim como os planos e boa distribuição dos ditos: quem do seu prestimo se quizer utilisar, procure-o na rua d'Apollo, n. 20, primeiro andar, das 9 horas da manhãa ás 2 da tarde.

Agencia de passaportes.

Na rua do Collegio, botica n. 10, e no Aterro-da-Boa-Vista loja n. 48, tirão-se passaportes para dentro e fóra do imperio, assim como despachão-se escravos: tudo com brevidade.

—O cirurgião-mór José Fernandes Umbuzeiro mora na rua do Rozario da Boa-Vista, n. 53, aonde póde ser procurado para as funcções da sua arte. Tambem dá consultas gratuitas aos pobres, em sua casa, das 7 as 9 horas da manhãa.

ATERRO DA BOA-VISTA

N. 5.

POMMATEAU, CUTILEIRO,

tem a honra de participar aos seus honrados freguezes, que acaba de receber de França pelo navio *Armorique*, um dos mais bellos, ricos e escolhidos sortimentos de cutelaria, nunca vistos até agora nesta capital de Pernambuco, um lindissimo faqueiro do ultimo gosto, com as seguintes peças: 18 talheres, com cabos de prata fina, 18 facas, com cabos e folhas de prata para sobremesa, 18 facas de cabos de prata, folhas de aço, para sobremesa, um par de trinxadores de cabos de prata, uma colher de prata para servir a peixe, um tenaz para servir o assucar em pedra; novo sortimento de navalhas de barbear do melhor aço, garantidas pelo seu autor, o qual obteve uma medalha d'ouro na ultima exposição de industria em Paris; pustomões de 3 e 4 folhas para cavallos, freios, esporas e chicotes do ultimo gosto; tesouras para jardineiros, ditas finas para bordar, de todos os tamanhos, tambem para alfaiates, ditas curvas e direitas para cirurgia, estojos de todos os ferros necessarios para cirurgia e para dentistas; scarificadores para ventosas; canivetes de uma a oito folhas do melhor gosto; estojos para limpar dentes, alicatinhos e limas para toilette. Concerta toda a qualidade de obras de aço, continúa a amolar duas vezes por semana, ás quartas e aos sabbados.

Espera, que o futuro dará a conhecer aos Srs. seus freguezes a differença, que existe entre a sua cutelaria e a de qualquer outro, que tenha vindo até o dia de hoje a esta capital.

— Perdeo-se, no dia 20 do corrente, na igreja de N. S. da Penha, na occasião da missa, uma carteira contendo 35$ rs, sendo 5 cedulas de 5$ rs. e uma de 10$ rs.; assim como duas lettras, sendo uma de 280$ rs. e a outra obrigação de 60 e tantos mil réis, e outros papeis de pouca importancia: roga-se a quem achou dita carteira, restitua as mencionadas lettras, ficando com o dinheiro pelo achado, podendo entregar as lettras na thesouraria provincial, a Themotheo Pinto Leal Junior, ou no pateo do Terço, na casa do mesmo, n. 12, primeiro andar, ou então botar, a noute, por baixo da porta da casa acima, que muito obrigado se lhe ficará.

— Aluga-se uma ama para tratar de um moço solteiro, em Beberibe, obrigando-se a fazer todo o serviço: na rua larga do Rozario, botica n. 36.

— Estão para se alugar os segundo, terceiro e quarto andares da casa n. 41, na rua da Cadeia do Recife; dão-se baratos a quem quizer os 3 andares: a tratar na loja de fazendas da mesma propriedade.

— Aluga-se um armazem na rua da Senzalla, n. 96.

— Aluga-se o primeiro andar do sobrado da rua da Cadeia-Velha, n. 17, por preço commodo.

= Toma-se, a juros de um e meio por cento, a quantia de quatro contos de réis, com segurança em um engenho moente, corrente e desembaraçado, e além disto se dá nesta praça conhecimento da capacidade da pessoa, que os quer: a tratar atrás da matriz da Boa-Vista n. 26, segundo andar.

— Precisa-se de uma mulher para ama de um menino, sendo escrava, será preferida; na rua do Aragão, n. 12.

— Alugão-se as seguintes casas: o sobrado de um andar, na rua do Sol, n. 25; outro dito com sotão, quintal e cacimba, na rua do Sebo, n. 50, por 300$ annuaes; os dous terceiros andares dos sobrados ns. 4 e 6, com sotão, no Aterro-da-Boa-Vista, por 300$ rs. annuaes; o segundo andar e lojas do sobrado n. 20, na rua do Rozario; uma casa terrea com quintal, cacimba e mais commodos para grande familia, na rua do Seve, n. 3; outra dita pequena, na rua da Soledade, n. 37, por 6$ rs. mensaes: quem as predender, dirija-se ao escriptorio de Francisco Antonio de Oliveira & Filho, na rua da Aurora, n. 26.

— Precisa-se de um caixeiro para venda; na rua da S. Cruz, venda de calçada de pedra, n. 3, se dirá quem precisa.

— Precisa-se entregar umas cartas de importancia ao Sr. Manoel Antonio Vianna: por isso, queira annunciar a sua morada, para se lhe entregar pessoalmente.

= Faz-se certo ao respeitavel publico, que a casa n. 5, sita no Aterro-da-Boa-Vista, está embargada para garantia de uma lettra da quantia de 2:000$ de rs., e os premios, que teem decorrido; aceita por Jacintho Heoderio de Martyr de Souza, e garantida por Joaquim de Oliveira e Souza, ao abaixo assignado, &c.: e para que assim conste, se faz o presente annuncio.

Antonio Tristão de Serpa Brandão.

= Precisa-se de um caixeiro, de 14 a 16 annos, que tenha pratica de venda, e dê fiador a sua conducta; no Aterro-da-Boa-Vista, n. 54.

— Precisa-se de um caixeiro, de 14 a 16 annos: a fallar nas Cinco-Pontas, n. 50.

— Aluga-se a casa terrea da rua da Ponte-Velha, n. 94: quem a pretender, dirija-se a rua do Trapiche, armazem n. 19.

--- O doutor Lobo Moscoso, medico, mudou-se para a rua da Aurora, casa n. 24, contigua ao Sr. Francisco Antonio de Oliveira.

Compras.

— Compra-se a obra de D. Quixote de Lamancha, em segunda mão; na rua da Senzalla-Velha, armazem n. 106.

— Comprão-se, para fóra da provincia, escravos de ambos os sexos, de 14 a 20 annos, com habilidades ou sem ellas; sendo de bonitas figuras, pagão-se bem: na rua das Cruzes, n. 22, segundo andar.

— Comprão-se 12 colheres de soupa, e uma salva para 1 a 3 copos, tudo de prata, e sem feitio; na rua da Cadeia do Recife, loja de fazendas, n. 60.

Vendas.

— Vende-se um casal de pacas muito mansas; na Camboa-do-Carmo, n. 33.

= Vende-se uma casa de negocio, em um dos melhores lugares desta cidade, com poucos fundos, e com commodos para familia; está bem afreguezada; querendo o comprador só os utensilios, tira-se o mais: na rua do Caldeireiro, n. 80, se dirá quem he o dono.

= Vende-se farinha da terra, muito superior, alqueire pela medida do mar, a 3200 rs.: na rua do Caldeireiro, n. 80.

=Vendem-se 5 escravos, sendo: uma escrava de nação Costa, de 24 annos, optima quitandeira, e boa para servir a uma casa; um pardo, de 22 annos, de bonita figura, optimo canoeiro e carniceiro; um escravo de nação Angola, de 25 annos, bom trabalhador de campo; dous ditos crioulos, de 30 a 40 annos, de todo o serviço de campo; todos muito sadios e sem defeitos: na rua das Cruzes, n. 22, segundo andar.

= José Caetano Martins dos Santos vende um bilhar, com todos os seus pertences, proprio para ser servido; no becco do Abreu, casa de pasto, n. 1.

Esta muita superior marca de vinho champagne, muito conhecida na Europa e nos Estados-Unidos da America, acaba de chegar a este mercado, e vende-se na rua da Cruz, n. 20, casa de Avrial Irmãos.

---

mento do caixeiro, quiz logo entrar em campanha contra a desobediencia da filha.

— Então, como he isso?.... Este casamento nunca se ha de fazer, diz Vm.? Saiba a senhorita, que *nunca* he uma palavra, que se não acha no diccionario das meninas bem criadas......

— Meu pai, disse-lhe Julia, com humilde ternura, Vm. he cheio de bondade..... Vm. o que quer he a minha felicidade..... Pois bem! juro-lhe, que ahi não está ella....., não póde estar..... Vm., sim, não he *Vm.*, que me ha de forçar a casar com um homem, que eu não amo, que *nunca* hei de amar. Perdôe-me o termo....; conheço, que serei bem infeliz, se for obrigada a desobedecer-lhe; não me constranja a resistir-lhe.....; tenha compaixão de mim, meu pai.....

Madama Thoré ouvia a filha, com pungente dôr. O cuidado, que Julia punha em exclui-la da supplica que só ao pai dirigia, mostrava-lhe, sob novo aspecto, essa alma de menina, que ella sabia exaltada, mas que não julgava tão resoluta.

Thoré tinha muito a peito esse casamento; era um projecto, que elle ruminava, ha muito tempo. Conhecia o valor commercial de Villon, e sabia tambem, que elle devia herdar bem boa fortuna; mas, como já o dissemos, era incapaz de resistir a uma lagrima da mulher ou da filha. Não se sentio, portanto, com animo de responder-lhe com firmeza; mas, como era necessario ralhar com alguem, voltou-se para a mulher.

— Na verdade, fez vossê uma *bella embaixada*! Ahi tem sua filha em pranto, Villon em falsa posição...., absolutamente falsa..... Eu mesmo, que quer vossê que eu faça? Eu não posso conservar esse rapaz..... em minha casa......, he preciso que o despeça, e elle he o fecho..., sim, o fecho da abobada dos meus negocios.... Que devo eu fazer? Ora, falle! já que fez o mal, acha-lhe algum remedio.

— Bem! senhor, disse madama Thoré, eu supponho, que Vm. não disse a Villon, que me daria parte das suas intenções.

— As suas intenções, sabe-as Vm., pois que lhes deu alento.

— Sem duvida; mas Julia podia ignora-las. Diga a Villon, que não he ainda occasião....., que depois.... Ganhe tempo. Agora quizera conversar com Julia.......

— Nada de ameaças, principalmente com sua filha, nada de systema de intimidar; quero, que a minha Julia seja livre e venturosa...... Lá para diante, quando ella tiver reflectido, eu tambem lhe fallarei...., e.... es-[illegible]ro, que ha de attender a rasão.

Thoré dispunha-se a sahir no mesmo instante, em que entrava um criado, que trazia a madama Thoré a carta de Victor.

— Uma carta commercial, sem duvida, disse Thoré. Dê cá, pois que he preciso, que eu tenha cuidado em toda a casa.

— Não, meu amigo, he carta, que he preciso talvez mostrar a Julia.

— Que mysterio então he esse?

— Eu lhe direi depois.

— Conto com isso, disse Thoré, e retirou-se. Como se fôra essa carta um poderoso auxilio para a explicação, que a mãi queria ter com a filha, madama Thoré apressou-se a abri-la. Os dous bilhetes de banco não escapárão ao olhar de Julia, e um sorriso de triumpho lhe assomou aos labios. A mãi lêo a carta, e não pôde dissimular o despeito, que sentio. Havia adivinhado o individualismo de Amab; mas não era capaz de comprehender o calculo affouto, pelo qual queria elle chegar ao seu fim.

Conservou-se por muito tempo silenciosa, hesitava; uma duvida se lhe havia apresentado ao espirito; consultou comsigo mesma, se se não enganaria acerca do carecter de Victor, e, querendo emfim sahir da extranha posição, em que se achava para com sua filha, estendeo-lhe a carta.

— Lê isso, lhe disse ella, e sê franca commigo.

Julia tomou a carta. A' pallidez, que lhe cobria o rosto, succedeo uma branda animação, depois vivo rubor, e afinal vierão-lhe as lagrimas aos olhos; olhou para a mãi, que, carinhosa, lhe estendia os braços, e a bella menina correo a lançar-se nelles, dizendo-lhe:

— Oh! he verdade..... sim..... eu o amo.

— Pobre menina! lhe disse a mãi, a abraça-la, feliz, por sentir sobre o peito o coração da filha, que se havia por um momento separado della; ainda triste, porque não havia perdido a convicção de que esse amor era uma desgraça.

Depois disse-lhe Julia, no meio das lagrimas e dos beijos:

— Perdoe-me de lh'o não haver dito.

— Ai! eu o sabia.

— Vm. o sabia! disse Julia, com grande sorpreza, mas sem resentimento do que acabava de soffrer, porque toda a sua colera havia desapparecido, a vista das lagrimas da mãi; Vm. sabia-o, e foi quem disse a M. Villon, que pedisse a minha mão?

Não julgou madama Thoré prudente pôr em sustos o coração de sua filha, á vista do que se acabava de passar; poupou essa alma, cuja viva sensibilidade a amedrontava, e respondeo-lhe, sorrindo:

— Fiz bem, pois foi o que te obrigou a confessar uma cousa, que, ha muito tempo, m'a devias ter dito.

— Eu não ousava.... Bem via, que Vm. não gostava de M. Victor.... Oh! se Vm. lhe tivesse, ao menos, a mesma amizade, que tem a M. Villon, a quem não cessa de elogiar.. .., eu lhe teria dito tudo.... Mas, porque não lhe agrada elle?...... que lhe fez?.... que lhe disse?..... Será porque me ama, sem lhe haver pedido licença?....

Madama Thoré tomou nos braços a filha, e apertou-lhe a cabeça contra o peito; queria occultar-lhe as lagrimas, que lhe excitava a louca confiança de Julia.

— Perdôa-me, minha filha, de te não haver, ha mais tempo, perguntado o teu segredo....; mas promette-me uma cousa....., he que nunca dirás uma palavra, não darás um passo, por mais indifferente, que seja, sem que me informes primeiro, sobretudo a respeito de M. Amab.....

A donzella abaixou os olhos.

— Não me respondes?.... Não queres fazer-me esta promessa?

— Oh! disse Julia, confusa, agora dir-lhe-hei tudo...

— Tu então não me disseste tudo?....

— Não...., tudo não.....

E a bella menina, tremula, corada, hesitando, acariciando a mãi, torcendo as fitas do cinto, contou-lhe, como se havia deixado olhar por Victor, e depois, como lhe havia enviado esse amor-perfeito, e esse *não me esqueças*.

— E não escreveste?

— Oh! maman......

— E poderias, se fosse preciso, dizer, que não foste tu, que mandaste essas flores?

— Mentir?.... e para que?

— M. Amab não está certo de que foste tu que as mandaste.

— Oh! elle adivinhou, porque na mesma noite veio cá.

— Não importa, deve ignora-lo; tu não deves confessar-lh'o; eu te peço, Julia. Crê-me, minha filha, não fallo de Amab, ou de qualquer outro; mas nenhum homem perdôa a uma mulher a imprudencia, que por amor delle commette, ainda quando a solicita com ardor; nisso sempre a gente perde alguma cousa de sua estima, e algumas vezes até do seu amor. Confiaste-me o teu coração, deixa-me guia-lo.

— Oh! obrigada, minha mãi, obrigada! disse Julia alegre.

Mas logo, contendo-se:

— E que figura vou eu agora fazer com M. Villon?

— Deves suppôr, que ignoras o que elle fez; conserva-te, portanto, com elle como dantes..... natural e boa....; he um homem de bem, um homem digno.. . Além de que, elle padece. Tu ainda não sabes o que he amar e ser desprezado.

— E tambem, para que me ama elle?

Só as loureiras, e as mulheres malignas he, que perdoão ao homem, que não amão, o ama-las; isso as diverte. As ingenuas, as de melhor genio são sem compaixão para os importunos desta especie.

Madama Thoré enfadou-se um pouco com a filha; mas teve tambem de lhe ouvir os ralhos por causa das prevenções contra Victor; porque, embora os não dissesse, Julia os adivinhava; havia entendido, que era por humilha-la no seu amor por Victor, que sua mãi lhe havia escripto na sua presença, e a tinha encarregado de mandar levar a carta e o dinheiro, que esta continha.

Madama Thoré deixou-a dizer tudo, quanto murmurava de receios e esperanças no fundo desse amor; ouvio fallar essa juvenil imaginação, que se desabrochava em sonhos encantadores, risonhos, aprasiveis. A ventura, com que contava esse coração de criança, era tão candida! Era esse amor inesgotavel, que de continuo dá, e tão pouco pede em cambio, que lhe parece, que nada se lhe pode recusar. Era uma vida inteira, arranjada de antemão com um esposo, uma familia, com os grandes cuidados e os pequenos desgostos, que ella comsigo arrastra. E tal era a pureza desse espirito exaltado, que nada havia de mais casto do que essa donzella a fallar de seu marido, de sua casa, de seus filhos, tudo futuro; ella era como os anjos, via tudo isso do céo; os pés ainda se não havião conspurcado no lodo do mundo, as azas ainda se não havião roto nos afiados gumes dos interesses egoistas, adejava em uma athmosphera limpida e luminosa..... E sua mãi a escutava sempre, admirando-a assim, adorando-a por tanta confiança, e entristecendo-se todavia, ao pensar, que talvez se atirava a um alvo, em que acharia arido terreno, e ar gelado.

Emfim, interrompeo-lhe a mãi essa agradavel loquacidade, e, para não deixar augmentar o acanhamento de um encontro entre Julia e Villon, dando-lhes tempo de reflectirem, pedio á filha, que descesse immediatamente ao armazem.

(*Continuar-se-ha.*)

Ao mais barato!

Venda-se a 120, 140 e 160 rs. o covado de chita; superiores cortes de cassa-chitas para meninas, pelo modico preço de 1000 rs.; ditos maiores, a 2000 rs.; zuarte azul, de vara de largura, a 280 rs. o covado, de superior qualidade para vestidos de pretas; algodão trançado azul mesclado, muito encorpado, a 240 rs. o covado; algodãozinho americano, largo, e de superior qualidade, a 220 rs. a vara; riscadinhos trançados, boa fazenda para meninos, a 200 rs. o covado; superior cambraia lisa, de vara e tanto de largura, muito fina, a 5500 rs. a peça; ditas enfestadas, finas, a 3500 rs.; peças de bretanha de linho de 6 varas, a 2800 rs.; ditas muito finas, a 4000 rs.; cassas de quadros e listras para babados, a 3000 rs. a peça, e em vara a 320 rs.; peças de bretanha de rolo, a 1600 rs.; superiores bretanhas de linho, muito finas para jaquetas, a 560, 640 e 720 rs. a vara; panninho muito fino, de vara e tanto de largura, a 5500 rs. a peça; superiores casimiras elasticas de excellentes padrões, pelo barato preço de 1000 rs.; gravatas de setim preto de Macáo, a 500 rs.; superior brim trançado branco, fino, de puro linho, a 1400 rs. a vara; esguião muito fino, a 1600 rs. a vara; meias para senhora, a 280 rs. o par; madapolões muito finos, quasi iguaes ao panninho, chamados de jardas, a 5500 rs. a peça; e de outras muitas qualidades, por preços modicos: adverte-se aos compradores serem estas fazendas limpas, e de boas qualidades, e além destas fazendas, existe um sortimento completo, e por menos preço do que em outra qualquer parte: nas lojas da rua do Collegio, n. 1, e na do Queimado, n. 5.

— Vende-se um bom porta-licor, optimo para alguma sociedade, por ter uma bonita caixa envernisada, e com molas, em que sustenta o mesmo porta-licor, por preço o mais commodo possivel; na rua de Hortas, casa terrea n. 62.

— Vendem-se 5 escravos, sendo: um preto, para o serviço de campo; 3 pretas moças, com habilidades precisas para casa de familia, uma engomma; uma parda, de 16 annos, cose e cozinha: no pateo da Matriz, sobrado n. 4.

— Vendem-se tres moleques de mui lindas figuras, de 12 a 14 annos de idade; um mulato de 24 annos, pouco mais ou menos; uma mulata propria para todo o serviço de casa, e um negro de 30 annos, pouco mais ou menos; todos sem vicio nem achaques: na rua da Cadeia do bairro de Santo-Antonio, n. 25.

--- Vende-se superior fogo da China, em caixas de 40 cartas, por preço commodo: na rua da Cadeia de S. Antonio, n. 25.

-- Farelos em saccas muito grandes, chegadas ultimamente: nos armazens de Guimarães e do Bacelar, defronte da escadinha da alfandega.

--- Vendem-se os mais asseiados córtes de cassas pintadas, com 7 varas cada córte, pelo barato preço de 5$000 réis: na rua do Crespo, loja n. 12, de José Joaquim da Silva Maia.

Roupões, a 1$300 rs

Vendem-se cortes com 3 covados e meio desta excellente fazenda, por ser muito encorpada, e de muita duração, pelo modico preço de 1300 rs.; casimiras de lãa, com 3 covados e meio o corte, a 1400 rs.; cotões de linho, de superior qualidade, a 1700 rs. o corte, de muito bonitos padrões: na rua do Collegio, loja n. 1.

— Vende-se vinagre tinto, a 45,000 rs. a pipa; dito branco, a 35,000 rs. dita: na rua Imperial, n. 7.

= Vendem-se meias barricas com farinha gallego; na rua do Trapiche Novo, n. 8.

— Vende-se um optimo carrinho de duas rodas, por preço commodo; na rua do Aragão, cocheira, n. 17.

— Vende-se superior palha de carnauba; na rua da Cruz n. 64.

= Vendem-se sapatos de borracha, capachos de todas as qualidades, esteiras de Angola, de todos os tamanhos, superiores navalhas, a contento; na rua larga do Rozario, n. 24.

— Vende-se um armario grande, dous balcões, e uma carteira; na rua da Cruz, n. 53.

— Vendem-se, na cidade de Olinda, rua de Mathias Ferreira, ns. 5 e 6, dous sobrados, que, afóra a largura dos ditos sobrados, que tem 50 palmos de frente, tem mais 60 palmos o quintal de largura na dita frente da rua, e o fundo he grande, todos murados, com uma cacimba de boa agoa, que faz boa roupa de lavagem, com varandas de ferro: a tratar na mesma rua de Mathias Ferreira, n. 38, que se vende por preço commodo.

— Vende-se CERA EM VELAS do Rio-de-Janeiro, sortimento de 1 a 16 em libra; na rua da Senzalla-Velha, n. 110.

= Vendem-se as obras completas de Luiz de Camões, em 3 volumes, a mais rica, e nitida edição, que tem apparecido, pelo mais modico preço, que he possivel; na rua da Cadeia do Recife, loja da viuva Cardozo Ayres; e nas livrarias da esquina da rua do Collegio, e pateo do dito, n. 2; na praça da Independencia, ns. 6 e 8; no Aterro-da-Boa-Vista, loja n. 11.

— Vende-se gelo; no brigue americano, que se acha fundeado em frente da escadinha da alfandega, onde se achará o bote do mesmo brigue, para conduzir para bordo os compradores.

= Vende-se o superior vinho da Madeira, em quartolas de 2 e 4 em pipa; na rua do Vigario, armazem n. 4, de Rotte & Bidoulac.

= Vende-se uma porção de escravos, que a vista dos compradores se dirão as habilidades, e verão as figuras: uma preta parida de 3 mezes: na rua Nova, n. 21, primeiro andar.

= Vendem-se saccas de farinha fina e grossa; ditas de arroz branco e vermelho; ditas de dito com casca; ditas com milho: na rua da Cadeia do Recife, armazem n. 8.

—Vende-se uma boa escrava, recebida por divida; na rua do Cabugá, n. 16.

— Continuão se a vender chapeos finos de castor; na rua do Trapiche Novo, n. 5, casa de João Stewart.

DEPOSITO DE FARINHA.

No armazem de porta larga, do caes do Collegio, ha farinha de mandioca, novamente chegada de S. Matheus e S. Catharina, a retalho, ou em grandes porções, por preço commodo, pela medida velha; e tambem arroz pilado e café.

--- Vende-se farinha de trigo SSSF da marca verdadeira, chamada Ramo, em pequenas e grandes porções, a vontade dos compradores: no escriptorio de Kalkmann & Rosenmund, rua da Cruz, n. 10.

= Vendem-se moendas de ferro para engenhos de assucar, para vapor, agoa e bestas, de diversos tamanhos, por preço commodo; e igualmente taixas de ferro coado e batido, de todos os tamanhos: na praça do Corpo Santo, n. 11, em casa de Mc. Calmont & Companhia, ou na rua de Apollo, armazem, n. 6.

--- Vende-se vinagre branco nacional, a 400 rs. a canada velha: na fabrica da rua Imperial, n. 7; rua Direita, n. 53, venda de M. Miranda; no Aterro-da-Boa-Vista, fabrica de licores de Frederico Chaves; e na rua do Trapiche, armazem de molhados do Nicolle.

= Vendem se ricos cortes de vestidos para senhora, de fazenda victoria, imitando seda, o mais superior, que tem apparecido, tanto pelos bonitos gostos, côres fixas, e de muita duração, como pelo diminuto preço de 4000 rs. cada corte; ricas mantas de seda para senhora, chegadas pelo ultimo navio de França, o mais superior, que ha nesta praça; chales de seda, grandes e pequenos, de bom gosto, e por preço commodo; assim como um novo sortimento de cortes de vestidos de differentes qualidades, côres fixas e gostos muito modernos, por preço mais barato do que em outra qualquer parte; um novo sortimento de cortes de casimiras para calças, fazenda a mais rica, que tem apparecido, em gosto e qualidade, por muito barato preço; novos cortes de colletes, tanto de velludo e setim como de gorgurão e seda, tudo por preço muito em conta; bons fustões para collete, a 800 rs. o covado; uma nova fazenda para roupa de escravos, por ser de côr escura e de muita duração, pelo diminuto preço de 180 rs. o covado; assim como outras muitas fazendas de differentes qualidades, que serão patentes aos compradores, e se venderaõ por preço muito commodo: na rua do Crespo, loja nova n. 12, de José Joaquim da Silva Maia.

— Vende-se um braço de balança de Romão & C., com quatro palmos de comprimento; na rua do Trapiche, n. 19.

—Vende-se uma casaca de panno fino preto, a moda mais moderna, por preço muito commodo, que faz conta ao comprador; na rua do Queimado, n. 16.

= Vendem-se os mais modernos cortes de cambraia de côres fixas, a 2500 rs.; ditos de cassa pintada, a 1280 rs.; fitas de garça, a 80 rs. a vara; camisinhas de meia, para crianças, a 240 rs.; peitilhos de cambraia, para vestidos, a 80 rs.; meias casimiras francezas, elasticas, de bom gosto, a 1000 rs. o covado; panno azul de boa qualidade, a 3000 rs. o covado; e outras muitas fazendas, por barato preço: na rua do Crespo, loja n. 10, de José Joaquim de Freitas Guimarães.

— Ainda está para vender-se um oratorio com imagens; na travessa dos Expostos, n. 8, das 6 as 8 horas da manhãa, e das 2 as 4 da tarde.

—Vendem-se 3 escravos, sendo: um moleque, de 18 annos; uma preta, de 35 annos; um preto, de 40 annos; todos de nação, de bonitas figuras, e sem vicios nem achaques: na rua da Concordia, passando a pontezinha, a direita, segunda casa terrea.

— Vendem-se os superiores charutos de regalos, dos legitimos da fabrica F. Gros, ditos de regalia, fama-vôa, e de outras mais qualidades, por preço mais commodo que em outra qualquer parte; na rua Nova, n. 31.

— Vende-se, por precisão, uma preta crioula, de 26 annos, de bonita figura, lava bem de sabão e varrella; na rua da Cruz, n. 57, segundo andar.

= Vende-se um escravo, de 22 annos, muito reforçado, de boa figura, bom trabalhador e perfeito canoeiro; na rua larga do Rozario, n. 24, primeiro andar.

— Vende-se, por 200,000 rs., uma preta da Costa, boa quitandeira; na rua de S. Rita, n. 85, depois de meio-dia.

— Vende-se uma bonita cabrinha, de 10 annos, com principio de costura; no pateo do Carmo, sobrado de um andar n. 13.

= Vende-se uma preta moça, de bonita figura, sem achaque algum; no pateo do Collegio, n. 31, segundo andar.

No Aterro-da-Boa-Vista, loja de fazendas, n. 14,

vendem-se pannos pretos de côr fixa, a 4$ e 5200 rs.; merinó preto de duas larguras, a 1400 rs.; princeza muito superior, a 1000 rs.; casimiras dobradas, de algodão, de quadros e listras, pelo baratissimo preço de 500 rs.; brins de quadros e listras de qualquer côr, que o comprador quizer, pelo barato preço de 200, 220, 240, 320 e 400 rs. o covado; bretanhas de rolo, com 12 jardas, a 1600 rs.; cassa lisa, larga, a 280 rs. a vara; e outras fazendas por mais barato preço de que se teem vendido; e os Srs. compradores, que não poderem vir em dita loja, podem mandar buscar amostras, tanto destas como de qualquer outra, que promptamente lhes serão dadas, e juntamente o seu ultimo preço.

= Vendem-se 2 mulatinhas, de 12 annos, proprias para se educarem, e para mucamas de alguma menina; uma preta, de 20 annos, de bonita figura, engomma, cozinha, lava de sabão e cose chão; uma dita de todo o serviço, moça, por 350$ rs.; uma parda, de 20 annos, de bonita figura; um preto muito reforçado, de 20 a 22 annos, perfeito canoeiro: na rua larga do Rozario, n. 24, primeiro andar.

Vendem-se bichas pretas, de muito boa qualidade, e por preço commodo, na rua das Cruzes, n. 41, primeiro andar.

— Em casa de Fernando de Lucca, na rua do Trapiche, n. 34, acaba-se de receber o seguinte: ameixas, cerejas, passas miudas de Corintho, conservas, como fructas, pecegos, morangos, framboises, groseilles, ditas em latas de diversas qualidades, vompâte de Lièvre, perdriz, arti chots, etc., pepinos e cebollas em conserva de vinagre, as libras, azeitonas de Sevilha, sauvisses em banha, salame de Bolonha; estes objectos são chegados ultimamente no brigue francez *Armorique*: superior chá hysson e gunpowdre, dito preto (souchan), vinhos das seguintes qualidades: Cherry, Malaga, Madeira, Porto, Rheno, Bordeaux, Haut Barsac, Cognac de superior qualidade, agoa mineral, licores de diversas qualidades, azeite doce superfino, charutos regalia, e outros objectos, que, como tudo o mais se vendem em porção e a retalho por preço commodo.

ESQUINA DO LIVRAMENTO
LOJA
DE 6 PORTAS Nº 32
DE
GABRIEL GLZ LOMBA

Nesta loja das boas pechinchas, continuão-se a vender os lindos cortes de cassa de côres, a 2600 e 3000 rs.; ditos de chita, os mais bonitos padrões, e de pannos muito finos, a 2800 e 3200rs.; um grande sortimento de madapolão, a 2600, 2900, 3$, 3200, 3500, 3800, 4$, 4500, 4800 e 5$, e muito fino, a 6000 rs.; um bello sortimento de chitas, a 140, 160 e 180 rs., e muito finas, de côres fixas, a 200 rs.; panno preto muito fino; cortes de collete de gorgurão e de velludo de côres, os mais bonitos; e outras muitas fazendas, como sejão: casimiras, borlins, princeza e franklin.

= Na botica da rua do Rangel, vendem-se os remedios seguintes, dos quaes a experiencia tem confirmado os melhores effeitos: dentifico, que tem a propriedade de limpar os dentes cariados, e restituir-lhes a côr esmaltada, em muito poucos dias; o uso do dito remedio fortifica as gengivas e tira o máo cheiro da bocca, proveniente não só da carie, como do tartaro, que se une ao pescoço destes orgãos; o remedio he designado pelos numeros 1.º e 2.º: orchata purgativa, mui util as crianças e as pessoas de toda e qualquer idade; he composta de substancias vegetaes, não contém mercurio, nem droga alguma, que possa prejudicar: remedio para curar calos, em poucos dias; dito para curar dores veneras antigas, e que teem resistido ao tratamento geralmente applicado; dito para provocar a menstruação, e accelerar a acção do utero nos partos naturaes, em que não se precisa das manobras scientificas da arte; dito para resolver tumores lymphaticos, vulgo glandulas; dito para curar bóbas e cravos seccos, o mais efficaz que se conhece até aqui; dito oximel de ferro, muito util nas chlorozes, vulgarmente chamadas frialdades; pós anti-biliosos de Manoel Lopes; capsulas de gelatina, contendo balsamo de copahiba; ditas de oleo de recinos purificado; ditas de cubebas em pó fino; ditas de assafetida; ditas com pós purgantes; ditas de ruibarbo da China; ditas de sulphato de quinino de 1 e 2 grãos cada capsola; algaleas, velinhas elasticas; pilulas de sal de cabacinho; agoa das Caldas, chegada proximamente; remedios que curão a frialdade dentro de 40 dias, mesmo estando inchado; macella nova, a 240 rs. a libra; pilulas especificas para curar as gonorrheas chronicas, quando a lesão não passa da ureta; igualmente um xarope anti-bernorragico, applicado nos casos, em que se deita sangue pela bocca: o preço de todos estes remedios he mui razoavel, e os bons resultados da sua applicação he que devem fazer sua apologia.

AZEITE DE CARRAPATO.

Vende-se *todo o anno*, em grandes porções e ás canadas, e tambem purificado, proprio para uso de candieiros de sala: no deposito da rua da Senzalla-Velha n. 110.

—Vende-se uma mesa de amarello, com 9 palmos de comprimento, 4 de largura, e com 2 gavetas; na rua Direita, n. 40.

— Vende-se a loja n. 5 da praça da Independencia, com poucos fundos, bem sortida e bem afreguesada; está situada em bom lugar, por ter duas frentes, uma para a rua do Queimado, e outra para a praça; o dono a vende, por ter de retirar-se para fóra, a tratar de sua saude: a tratar na mesma loja.

=Vendem-se seis escravos moços, com bonita figura, e entre elles um bom cozinheiro de forno e massas, e seis pretas de idades de 12 a 28 annos com varias habilidades: na rua Direita, n. 3.

--- Vendem-se ricos córtes de cassas pintadas com sete varas cada córte, pelos modicos preços de 2$400, 2$600, 2$800, 3$000, 3$600 e 3$800; córtes de chitas pretas para luto, muito superiores, tanto em fazenda como em gosto, a 2$800 rs. o córte; brim fino de linho puro e lindos padrões, a 1$700 rs. a vara; gangas azues francezas a 120 rs. o covado; riscados francezes a 260 rs. o covado; chá hysson muito superior a 2$400 rs. a libra; e outras muitas fazendas por preços mui baratos: na rua da Cadeia do Recife, n. 50, loja de Cunha & Amorim.

= Vende-se um escravo cabra, bom carniceiro, e carreiro, moço, robusto, sem falta alguma, livre e desembaraçado; vende-se por precisão: na rua de S. José, n. 16.

— Vende-se um moleque de nação, de 15 annos, pouco mais ou menos, proprio para o servico de campo, por ser bastante reforçado; na rua Nova, loja n. 18.

=Vendem-se 3 mulatinhos, de 12 annos; 2 mulatinhas, de 11 annos; 3 pardas, que cosem, engommão, cozinhão e lavão; 3 pretas, proprias para o serviço de campo; 3 pretos, de 20 annos; um moleque, de 16 annos; 1 preto perito cozinheiro; todos por preço commodo: na rua da Cruz, armazem n. 51.

=Vendem-se caixinhas com 100 charutos da melhor regalia, que aqui tem vindo; ditos meia-regalia; ditos jajá, tudo chegado ultimamente, pela sumaca *Nova-Aurora*, por menos do que em outra qualquer parte, por ser em primeira mão: na rua da Cruz, armazem n. 54.

— Vende se, por preço commodo, uma casa terrea, construida a moderna, sita no bairro da Boa-Vista, a qual se acha caiada e pintada de novo; na rua da S. Cruz, n. 38.

— Vende-se, pela quantia de 200$ rs., um preto de nação, sem vicios nem achaques, e robusto; na rua do Nogueira, n. 19, segundo andar.

Escravos Fugidos.

— Continuão a estar fugidos, desde 21 de abril, de bordo do brigue *Mentor*, os 2 escravos marinheiros, José, de nação Gabão, representa 30 annos, estatura baixa, e barbado; e Manoel, de nação Congo, representa 20 e tantos annos, baixo, sem barba: aquelle foi escravo da casa do coronel Bento José da Costa, e foi seductor do seguado, e conhecedor desta provincia: aonde se achar he provavel se inculque por forro. Recommenda-se a todas as autoridades as suas capturas, bem como aos capitães de campo, e offerece-se de gratificação 150,000 rs. a quem os trouxer, reconhecendo-se serem os proprios, os quaes se pagão na rua da Cadeia, n. 45, em casa de Amorim Irmãos.

— De bordo do Patacho *Conceição* fugio, em 25 de março do corrente anno, o mulato claro de nome Christovão, escravo de Boaventura José Rodrigues, da praça do Maranhão, o qual tem por signaes: estatura baixa, cheio do corpo, cabello annelado, tem nas nadegas alguns signaes de castigo, de idade de 34 a 35 annos, he official de alfaiate; e consta estar trabalhando, pelo officio, para a parte da Boa-Vista, tambem he marinheiro de governo, cose panno, e he cozinheiro: quem delle tiver noticia ou apprehender, queira dar ou leva-lo á rua da Moeda, no bairro do Recife, defronte da casa n. 9, que será generosamente recompensado.

= Fugio, no dia 23 do corrente, do Recife, um moleque crioulo, de 15 annos, alto e magro, côr fula, uma marca de boba no rosto, do lado esquerdo, e outra no direito, porém esta pouco visivel, muitas nas pernas, todas, ha pouco, curadas, cabellos ralos: roga-se a todas as autoridades policiaes, e Srs. de engenho, hajaõ de o pegar, e faze-lo conduzir, com toda a segurança, a rua do Livramento, n. 20, que se gratificará.

— Acha se fugido um pardo de nome Francisco, official de pedreiro, cantéo, cose de alfaiate, lê, e escreve; he baixo, grosso, côr escura amarellada, rosto redondo, com bastantes marcas de bexigas, sem barba, cabellos pegados no cachaço, olhos pequenos e pretos, sobrancelhas grossas, nariz não muito afilado, bocca pequena, beiços medianos, pés e mãos grandes, orelhas pequenas, de 23 annos: quem o pegar, leve a botica de Vicente José de Brito, na rua da Cadeia do Recife, ou ao segundo andar da casa n. 1 da travessa do Vigario, que se gratificará.

PERN.; NA TYP. DE M. F. DE FARIA —18[illegible]